



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística  
e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 4

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:  
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESSAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes Rosineide Rodrigues Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MIDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida Roberto Max Louzeiro Pimentel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIDATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISÇÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091016</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
<a href="#">Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
<a href="#">Iêda Maria Loureiro de Carvalho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>202</b>
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
<a href="#">Rousejanny da Silva Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>208</b>
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
<a href="#">Fernando Bueno Catelan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>217</b>
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
<a href="#">Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio</a>	
<a href="#">Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>227</b>
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
<a href="#">Tarcila Lima da Costa</a>	
<a href="#">Fernanda Maria Macahiba Massagardi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>238</b>
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
<a href="#">Laura Paola Ferreira</a>	
<a href="#">Fabrício Andrade</a>	
<a href="#">Aline Choucair Vaz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>247</b>
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
<a href="#">Adonai da Silva de Medeiros</a>	
<a href="#">Elielson de Souza Figueiredo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091024</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>266</b>
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
<a href="#">Carolina Nogueira-François</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>277</b>
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
<a href="#">Cristina da Conceição Resende</a>	
<a href="#">Victor Hugo Neves de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>283</b>
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
<a href="#">Larissa de Pinho Cavalcanti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091027</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>295</b>
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
<a href="#">Amanda Aguiar Ayres</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091028</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>306</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>307</b>

## IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA

**Christiane de Faria Pereira Arcuri**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ  
Instituto de Aplicação / CAp, Mestrado Profissional  
de Ensino em Educação Básica / PPGEB,  
Licenciatura em Artes Visuais / IART  
Rio de Janeiro - RJ

**RESUMO:** O trabalho *Identidade visual e apropriação artística – o nome como marca* é desenvolvido a partir de pesquisa curricular na disciplina de Artes Visuais e História da Arte na educação básica do Instituto de Aplicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CAp-UERJ. Seu objetivo principal é relacionar a formação identitária visual dos alunos diante as influências do imaginário cultural e o ambiente escolar cotidianos. O texto enfatiza uma das propostas artísticas recentemente desenvolvida em sala de aula - com base na abordagem triangular (BARBOSA, 1991; 2006) e nos princípios pedagógicos vigentes na BNCC (2018) -, em que há uma apropriação do nome próprio do aluno elaborada (com viés estético) enquanto marca visual. A historiografia da arte nacional estudada na disciplina, além das referências imagéticas da cultura visual da atualidade, dialoga com a proposta visual para a relevância da pesquisa. A pesquisa autoral traz a possibilidade dos alunos elaborarem uma nova organização estética da grafia do

nome / da identidade ampliados como narrativa imagética simbólica, isto é, os alunos voltam-se à criação de uma forma estilizada a partir da organização geometrizada das letras do nome próprio – reconhecida enquanto marca identitária. Essa nova sintaxe visual do nome próprio / a marca estabelece, invariavelmente, relações estéticas com o repertório imagético e as representações sociais de cada aluno. A pertinência da pesquisa na educação básica se justifica, ainda, nas correspondências entre o consumo desenfreado da juventude e a proveniente formação crítico-estética balizada também no dinamismo do espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade Visual. Juventude. Escola. Consumo. Ensino Artes Visuais e História da Arte.

### VISUAL IDENTITY AND ARTISTIC

#### APPROPRIATION - THE NAME AS A BRAND

**ABSTRACT:** The work *Visual identity and artistic appropriation - the name as a brand* is developed from curricular research in the discipline of Visual Arts and History of Art in basic education of the Institute of Application, Rio de Janeiro State University / CAp-UERJ. Its main objective is to relate students' visual identity formation to the influences of everyday cultural imagery and school environment. The text emphasizes one of the artistic proposals recently developed in

the classroom - based on the triangular approach (BARBOSA, 1991; 2006) and the pedagogical principles in force at BNCC (2018) - in which there is an appropriation of the student's own name with aesthetic bias) as a visual mark. The historiography of the national art studied in the discipline, besides the imagery references of the current visual culture, dialogues with the visual proposal for the relevance of the research. The author's research brings the possibility of the students to elaborate a new aesthetic organization of the spelling of the name / of the enlarged identity as imaginary and symbolic code, that is, the students turn to the creation of a stylized form from the geometrized organization of the letters of the name recognized as an identity mark. This new visual syntax of the proper name / brand invariably establishes aesthetic relations with the imagery repertoire and the social representations of each student. The relevance of the research in basic education is also justified in the correspondences between the rampant consumption of youth and the coming critical-aesthetic formation also marked in the dynamism of the school space.

**KEYWORDS:** Visual identity. Youth. School. Consumption. Teaching Visual Arts and History of Art.

## 1 | O ENSINO DE ARTES E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA VISUAL DO ALUNO

A pesquisa acerca da formação identitária visual dos alunos da educação básica no Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CAP-UERJ permeada na disciplina curricular de Artes Visuais e História da Arte institui diálogo com questões que rondam a concepção estética da juventude e a gênese da identidade / de um “tipo de gosto”, ambos relacionados ao consumo dos muitos tipos de bens materiais que circulam entre os alunos no espaço escolar.

É importante lembrar que a pesquisa teve início com o levantamento do consumo e do uso (no espaço da escola) de objetos estéticos correspondentes à predominância da cultura visual cotidiana; em outras palavras, o estudo considerou, inicialmente, os objetos usados pelos alunos (mochilas, tênis, cadernos etc) que compõem seu visual / a identidade – em conjugação com a camiseta branca do uniforme – e que apresentam-se com estampas e padronagens artísticas condizentes com as demandas do mercado de tendências da atualidade, mas que não necessariamente atentas ao “gosto” e preferências particulares dos jovens. É a partir desta questão que há o entendimento que a proeminência do uso de tais objetos estéticos usados costumeiramente no CAP pode estar também associada ao processo de formação identitária visual da juventude a medida em que há, invariavelmente, a efetiva personalização / customização de algum objeto nas aulas de Artes.

Deste modo, a articulação com o trabalho posterior difunde a pesquisa sobre a relação entre a formação do gosto estético do aluno e as correspondências artísticas estudadas nas aulas de Artes Visuais e História da Arte. Dito de outro modo, a pesquisa pauta-se nas recorrências da historiografia da arte culminadas na experiência estético-plástica a medida em que os percursos metodológicos são

evidenciados aos diferentes modos de ver e as subjetivas reapresentações que os alunos podem relacionar ao seu nome próprio; à sua identidade. Este trabalho vem apresentar apropriações dos nomes próprios dos alunos criados por eles mesmos e que passam a serem visualizados (literalmente) como um “artifício estético” que aproxima o processo de identificação do aluno à apropriação do nome em marca identitária; configuração artística que diferencia a individualidade do aluno mesmo que diante uma juventude re-conhecida de modo tão homogêneo no espaço da escola. Sendo assim, é inevitável que sejam levantadas algumas hipóteses, tais como: Em que medida o nome pensado individual e artisticamente como marca traz similitudes com o repertório imagético (a cultura visual predominante no cotidiano) percebido pelo aluno?; Qual o alcance do ensino de artes visuais pautado na historiografia da arte para a contribuição com subsídios imagéticos e culturais no desenvolvimento de nomes identitários do aluno?; É possível que haja formação identitária do aluno no espaço escolar frente à homogeneização da juventude?

Consideram-se, como processo metodológico, os princípios da Base Nacional Comum Curricular / BNCC (2018) no que tange à Arte como difusora da interação crítica dos alunos diante a complexidade do mundo; além de promover o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue - importantes para o exercício da cidadania – a medida em que se dá a transmissão de conhecimentos de diferentes e diversas civilizações culturais. As extensões em Arte propostas pela Base colocam, ainda, a articulação de dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões são desenvolvidas neste trabalho aleatoriamente (ou melhor, não exatamente na ordem em que a Base dispõe), a saber: *Criação*, que refere-se ao fazer artístico propiciado aos alunos; uma atitude intencional e investigativa do aluno com representações e produções artísticas individuais / coletivas; *Crítica*, que refere-se a novas concepções do espaço cotidiano, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais – e também com contribuições remanescentes de civilizações de tempos remotos; *Estesia*, que diz respeito à percepção dos alunos em relação ao espaço-tempo, às imagens artísticas e aos diferentes materiais/técnicas difundidas ao longo da História da Arte; *Expressão*, que refere-se às possibilidades de criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos; de certa forma, a culminância pragmática das etapas até então desenvolvidas; *Fruição*, que refere-se à apreciação estética das práticas artísticas e culturais; *Reflexão*, condiz com o processo de construir argumentos e ponderações críticas sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais (BNCC, *idem*). Percebe-se que a pertinência da Base é dar continuidade, de certo modo, aos Parâmetros Curriculares Nacionais / PCNs (1997) e à abordagem triangular preconizada por Barbosa (1991; 2006) desde os anos 90 – também proferida por demais autores contemporâneos.

Estas dimensões do conhecimento são desenvolvidas (dinamicamente) nas

aulas de Artes como etapas que se complementam efetivamente no decorrer da pesquisa. Expandidas, é certo, frente à complexidade do processo de construção cultural vivido pelo aluno no cotidiano do espaço escolar. De acordo com Certeau,

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia [...]. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (CERTEAU, 2008, p. 31).

As aulas de Artes agem como *locus* de invenção e reinvenção dos rizomas de valores e gostos das demandas da juventude frente ao cotidiano. No âmbito do processo identitário da juventude, é fato que as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão em transformação, o que abalam, em decorrência, também as identidades pessoais dos que, mesmo que subjetivamente, são influenciados; numa espécie de “perda de um sentido de si”; o mesmo que dizer que o sujeito/o aluno assume identidades diferentes em diferentes momentos; como um indivíduo desprovendo-se de um “eu” coerente – bastante recorrentes à vulnerabilidade e pluralidade singulares da juventude.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural” (HALL, 2019, p. 43).

As reflexões de Hall são oportunas para se pensar a formação da identidade cultural na modernidade tardia. Pode-se ampliar a chamada “crise de identidade” - citada pelo autor - à juventude: as identidades (pós)modernas estão sendo “descentradas”, quer dizer, “deslocadas” ou “fragmentadas” (HALL, *idem*, p. 9). Do mesmo modo, os alunos à medida em que estudam os diferentes estilos estéticos provenientes dos efervescentes movimentos e escolas artísticos (os “ismos”) conhecidos desde inícios do século XX, por exemplo, podem associá-los a indivíduos sociais pautados pelo hibridismo e efemeridade culturais - assim como vê-se nas obras artísticas. A associação da historiografia da arte à fase de constituição das identidades dos alunos se deve, também, à transitoriedade das representações sociais ao longo dos tempos. A juventude, hoje, e não somente no espaço escolar, vive esse supermercado cultural em busca de “se achar”, quer dizer, dependendo em qual grupo está com-vivendo, tende a determinadas preferências que lhe favorecem a determinada identidade visual.

O ensino de Artes, diante a questão, procura trazer ao aluno, conhecimentos estéticos de diferentes civilizações e suas respectivas manifestações artísticas: as representações estéticas à determinada época; os anseios e valores próprios das especificidades artísticas de um espaço-tempo. Estimular o pensamento crítico

e reflexivo sobre o consumo da cultura visual da contemporaneidade a partir de propostas artísticas desenvolvidas em sala de aula é um percurso criativo e imersivo para suscitar correspondências estéticas com o que se vê no cotidiano e, conseqüentemente, como se vê e como se entende; para haver correspondências do que se quer/entende como positivo para si. Dito de outro modo, a medida em que o aluno percebe que por meio de imagens e produtos de consumo pode atribuir não somente sentido de valor mas, principalmente, significado identitário, o repertório imagético que é estudado nas aulas de Artes passa a ter mais sentido para a vida de cada um – espaço esse que se expande para além dos muros da escola.

Na maioria das vezes, a juventude gosta de alguma coisa (inclusive no que se refere à divulgação de marcas publicitárias) porque os demais colegas aprovam, mas não exatamente se identificam e entendem o que escolhem para uso próprio; isto é, o que, de fato, os identifica e atribui personalidade. É no espaço da aula de Artes que comumente percebe-se que a cultura de civilizações remotas pode ser um norte para que as demandas individuais perfaçam, nas reminiscências alegóricas, os múltiplos parâmetros artísticos da atualidade. E os alunos, com isso, possam estabelecer relações sígnicas entre as referências estéticas provindas de outros tempos e suas próprias demandas autorais.

## **2 | DO NOME PRÓPRIO À UMA OUTRA IMAGEM (A)PRÓPRIA(DA) – PROCESSOS IDENTITÁRIOS VISUAIS**

O nome próprio é, indiscriminadamente, a identidade de cada um. Apesar de não escolhermos o nosso próprio nome, o anúncio de nós mesmos é a partir do nome que temos no decorrer de toda a vida. Talvez daí se explique a preferência do aluno por algum sobrenome ou apelido. Porém, a proposta do projeto de pesquisa destaca o nome completo do aluno e propõe que ele seja apropriado visualmente. Um nome curto ou um nome com muitos sobrenomes torna-se fonte primordial para o desenrolar da pesquisa sobre identidade visual que venho desenvolvendo nas últimas duas décadas como professora de Artes. O que vem sendo experienciado plasticamente é a possibilidade de uma nova organização estética do nome próprio do aluno; e a visualização do nome enquanto forma e sintaxe, que não provém apenas da aparência, mas que alcança a correspondente compleição estética com a essência do seu conteúdo correspondente: o nome próprio/a identidade do aluno; a marca/a individualidade propriamente dita de cada aluno; da personalidade à personalização artística – marca visual.

Pensando no nome enquanto uma forma com possibilidades estéticas para um processo artístico análogo e condizente ao próprio aluno, a ideia da pesquisa é considerar as alegóricas manifestações artísticas como um respaldo estético para a criação de uma outra organização visual do nome próprio. Para o desenvolvimento dos

processos metodológicos, a abordagem estética tem início nas transições alegóricas das linguagens de tempos civilizatórios e culturais remanescentes, como nas obras de Athos Bulcão (RJ, 1918 – Brasília, 2008), renomado artista de grandes painéis em Brasília – por ocasião de exposição retrospectiva de sua trajetória artística “100 anos de Athos Bulcão” que celebrou o centenário do artista conhecido pela diversidade de sua obra e inegável importância histórica e cultural no Brasil e no exterior. Sua inspiração inicial destaca-se na azulejaria portuguesa e nas cores (influência de Portinari) das composições muitas vezes formando painéis com padrões artísticos estilizados (influência das parcerias com Niemeyer) e dinamizados na arrumação aleatória da composição final.

Além do estudo das obras conhecidas na exposição, a obra abaixo foi uma referência artística para os alunos por ser de fácil acesso, quer dizer, encontra-se no sambódromo do Rio - local conhecido, e também nas proximidades da escola (Figura 1).



Figura 1: Athos Bulcão. Painel de azulejos, Praça da Apoteose, Sambódromo, 1983. Foto Tuca Reiné. Disponível em <https://www.fundathos.org.br/abreGaleria.php?idgal=117> Acesso: 05/03/2018.

A proposta desenvolvida também destaca a massificação imagética das ruas (a cultura visual) que submerge de modo incessante na sala de aula. As articulações estético-culturais do que se vê no dia a dia contribuem para a difusão da linguagem visual do cotidiano através da prolixidade dos seus campos expressivos, ou seja, desenhos, pinturas, *outdoors*, embalagens, fotografias, grafites, esculturas, gravuras, instalações e *performances*, linguagem cinematográfica (filmes e vídeos), tecnologias digitais, arte urbana etc.



Figura 2: Coletivo MUDA. Bandeira MUDA, Azulejo, Praça da Bandeira, 2017; Radial Oeste, Azulejo, São Cristóvão, 2016. Disponível em <https://coletivomuda.com.br/> Acesso: 05/03/2018.

O Coletivo MUDA (Figura 2), por exemplo,

dedica seu trabalho a investigação e experimentação geométrica de módulos. O trabalho explora também diferentes matérias, processos e pigmentos. O resultado tem o peso das 10 mãos e a personalidade dos 5 MUDAs. Módulo base, geometria simples. Recorte, pigmento. Na ordem do caos, a sobreposição do próprio sobre ele mesmo reflete a singularidade do outro. Camadas em êxtase! Coletivo MUDA (In: <https://coletivomuda.com.br/>).

As obras do Coletivo MUDA também são inspiração estética para o desenvolvimento do projeto. A primeira obra da figura, à esquerda, chama-se *Bandeira MUDA*. A descrição da obra consultada no site oficial descreve o processo artístico do coletivo nacional nas obras que estão no (único) acesso dos alunos para a escola: “No pilar de concreto armado sob o céu escuro de um elevado sinuoso, luz. É textura acumulada nas caixas, é nossa história ganhando nova forma. É liberdade. Pede passagem ao vazio que nós queremos ficar!” (In <https://coletivomuda.com.br/>).

Em relação à outra obra do Coletivo MUDA, da figura acima, à direita, *Radial Oeste*, é proferido o seguinte pelos artistas: “As sombras do viaduto, um caminho, uma calçada. De dia é respiro, de noite é quebrada. Um coletivo, duas caixas, um balde e uma escada. Geometria sobre paisagem alterada” (Idem).

Estas obras foram selecionadas entre tantas outras do Coletivo MUDA porque estão no trajeto percorrido pelos alunos entre casa e escola - mesmo que não sejam percebidas, é certo, ainda pela grande maioria dos alunos. Ao serem contextualizadas como arte urbana, as obras brasileiras e suas especificidades estéticas são muito oportunas para o desenvolvimento da proposta da pesquisa sobre os nomes dos alunos na aula de Artes.

Todavia, a permanente difusão dos referimentos históricos e estéticos atribuídos à diversidade visual que circunda o cotidiano dos alunos propicia condições suficientes para que eles re-conheçam melhor a sociedade em que vivem e entendam as correspondentes interferências no espaço escolar em que estão rotineiramente.

E que também passem a se identificar - ou não -, com o que os cercam e com o que é circulante na rua, inclusive a arte urbana do bairro da escola, como vimos no caso das obras do Coletivo MUDA: “interpretar a cultura de sua época ao tomar contato com a de outros povos leva o aluno a desenvolver o olhar curioso; a desvendar; a interrogar e até a produzir alternativas frente às representações do universo visual” (Hernández, 2000, p. 20). Na verdade, a pesquisa torna possível aos alunos uma nova organização estética da grafia do nome ampliada como código imagético que estabelece, ainda, relações imediatas com suas identidades; ou seja, os alunos criam uma forma simbólica com referências estéticas (a marca) a partir da organização visual das letras do nome próprio, como uma apropriação artística. Essa outra sintaxe visual da forma / marca proposta pelo aluno, estabelece, invariavelmente, relações estéticas com seu repertório imagético, com suas vivências culturais e com seu gosto estético (ainda em formação crítica).

Pensar a concepção da identidade visual da juventude como um processo de descentralização do aluno reconhecido enquanto indivíduo é, de fato, associá-la ao dinamismo do cotidiano do espaço escolar. Um ambiente onde devem predominar a diversidade, a consagração da diferença e do heterogêneo – todos princípios tangíveis à composição e reconhecimento das particularidades estéticas do nome próprio de cada aluno.

Para tanto, considera-se o nome próprio como fonte de pesquisa e investigação da identidade subjetiva de cada aluno. Escrita e imagem (Figura 3) postos consecutivamente, ou ainda, a imagem da narrativa e/ou a narrativa do conceito nominal, tornam a relação recíproca; como reforço na amplitude dos provenientes códigos específicos da imagem visual.



Figura 3: Nomes-marcas. Produções visuais de alunos do ensino médio, grafite e esferográfica sobre papel, 2019.

As autorias – a partir das colunas que se seguem: Rafael Antonioli Deslandes; Pablo Teixeira Gomes da Silva; Beatriz Barbosa de Paiva; Fernando Alves da Silva; Gabriel Luis Oliveira Alves; Lucas de Queiroz Baptista Soares; Laysa Vitória Santos Almeida; Rhyhan Percini Bezerra; Sofia Matos de Souza Carcardo; Mariah Mendes Canarinho de Souza; Milena Arcanjo Fortes da Silva; Nathalia Nunes da Silva; Anna Clara Lima Sampaio; Maria Julia de Andrade; Roberto Nathan Neves Guerreiro; Gláucia Soares Nogueira; Larissa Vieira Marinho da Costa; Alexandre da Silva Lopes Ferreira

A figura 4, mostra o nome próprio como narrativa figurativa e simbólica, isto é, condizente com as experiências da aluna – a dança.

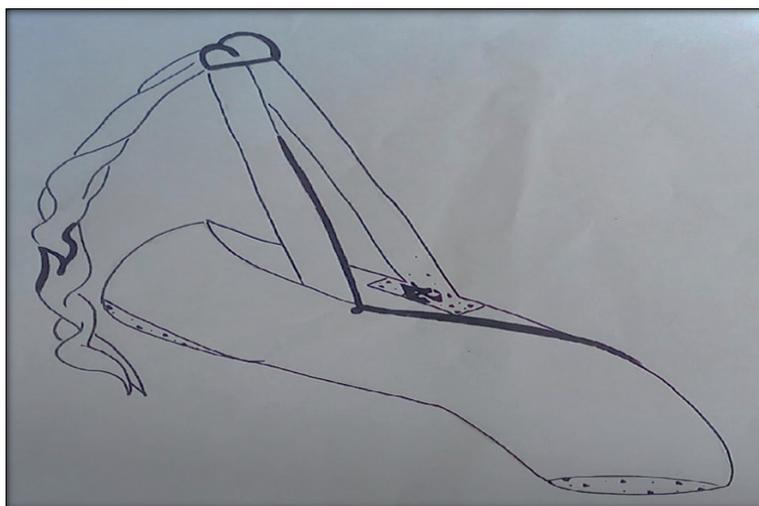


Figura 4: Nome-marca. Loreнна Brillo Nunes Rúbio (ensino médio), grafite e esferográfica sobre papel, 2019.

De fato, a narrativa imagética estabelecida individualmente pelo aluno é um conjunto de percepções, visões e devires estéticos, mesmo porque está absorto em seu processo identitário. A partir de uma única proposta visual (Figura 5) têm-se uma diversidade de narrativas identitárias associadas ao repertório imagético alegórico e/ou ao cotidiano da juventude que só vêm reforçar a multiplicidade de mundos que neles coexistem. Indiscriminadamente, a composição com o nome próprio exala os sentidos muito particulares para cada aluno que a faz; ou mesmo o que se tem como referência: uma apropriação individual. E os entremeios artísticos da composição autoral vem evidenciar a relação muito particular entre o nome e a marca; o conteúdo e a forma – indissociáveis, agora, na produção visual.



Figura 5: Nomes-marcas.

As autorias – a partir das colunas que se seguem: Julia de Oliveira Midão; Julia Mascarenhas Veloso; Guilherme Pessôa; Ana Beatriz Rossini Teixeira Coelho; Bianca de Melo Araújo; Caroline Tavares da Mota Monteiro; Ana Beatriz Vieira Simões; Alice Bagdadi Teixeira da Costa.

As composições dos alunos na figura 6 (abaixo) foram realizadas a partir da apreciação das obras em azulejos de Athos Bulcão - como na figura 1. A partir da criação do nome-marca (como um logotipo), a composição simétrica da forma é estabelecida como um padrão geométrizado que se repete evidenciando a estilização da forma.



Figura 6: Nomes-marcas.

Produções visuais de alunos ensino médio, Composição com recortes cartolinas, 2018.

As autorias – a partir das colunas que se seguem: Ana Beatriz Simões; Caroline Monteiro; Gabriel Ozolins; Ana Terra Leão; Miguel Rodrigues; Murilo Matheus Santos Fortes; Bianca de Melo Araújo; Luisa Vasques da Rocha; Guilherme Pessôa.

A aposta da pesquisa prescreve a assertividade da criação autoral intrínseca ao currículo de Artes uma vez que dá possibilidade para a fluidez dos processos efêmeros da juventude, na conjugação tanto do cotidiano escolar como às interferências culturais híbridas para além dos muros da escola.

### 3 | DE SAÍDA

Tenho procurado desenvolver nas aulas de Artes Visuais e História da Arte, no decorrer das últimas décadas no magistério, as pesquisas com imagens urbanas e obras de arte nacionais que possam ser associadas às demandas cotidianas dos jovens alunos; obras e expressões estéticas que conversem com as expectativas artísticas que passam a ser inerentes para o desenvolvimento dos projetos visuais. As propostas vão sendo pensadas numa possibilidade autoral de modo que propicie a fluidez da subjetividade artística tão essencial aos jovens. Como alternativa também, é certo, para se pensar e refletir acerca de questões que rondam a escola e a juventude frente ao consumo estético pouco criterioso na atualidade. Na verdade, para que as teorizações prescritas, principalmente, nas aulas do ensino médio, inscrevam outros novos sentidos identitários no tempo/lugar em que a juventude transita.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **arte/educação contemporânea - Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BULCÃO, Athos. <https://www.fundathos.org.br> Acesso: 01/03/2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Coletivo MUDA. <https://coletivomuda.com.br/> Acesso: 08/05/2019.
- DONDIS, A. D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FABBRINI, R. **A arte depois das vanguardas**. Campinas: UNICAMP, 2002.
- FERRAÇO, C. E. **Pesquisa com o cotidiano. Educação & Sociedade**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, v.28, n.98, p.73-95, Jan./Abr. 2007.
- FUSARI, M. F. R. e FERAZ, M. H. T. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019 (12ª edição).

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MEC – Ministério da Educação. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf)> Acesso: 05 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, I. B. *Currículo e processo de aprendizagemensino: Políticaspraticas Educacionais Cotidianas*. **Currículo sem fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

ROCHA, E.; PEREIRA, C.; BARROS, C. (Orgs.). **Juventude e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

### B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

### C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

### D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

### E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

### F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

### G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

## I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

## L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

## M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

## O

Ópera 152, 202, 203

## P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

## R

Rede digital 184

## **S**

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

## **T**

Tecnologias digitais 6

## **V**

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048